

O QUE É A "BOSSA NOVA"

O escrivão da 19.^a Vara Criminal, Jacob Bittencourt (o famoso Jacó do Bandolim) foi quem avisou pelo fôro e adjacências, incluindo sambistas, pescadores, freqüentadores do "Zepelin" de Ipanema e componentes dos dois quadros de "racha", que todos os sábados treinam numa chácara da Gávea, que chegara de Brasília o sambista Geraldo Carneiro. Como os grã-finos, resolvemos promover também este Festival, para homenagear o amigo, Festival muito menos dispendioso e também muito mais divertido, que consiste em reunião com música tôdas as noites, em casa de alguém. E em tôdas elas discute-se muito, além do final do campeonato com o jôgo de domingo, está claro, a questão do nosso cancionero — influências, processos de deformação ou de refinamento, como queiram, e a expressão malsinada "bossa-nova".

Na última reunião, em casa de Márcio Moreira Alves, ouvi de Tom e de Vinicius de Moraes o que procurei (sem notas) resumir nos itens abaixo. Nunca ouvira antes, tão bem delineados, os pontos característicos do nosso popular atual como no que disseram o compositor e o poeta. Sobre as composições deles — inclusive uma inédita e saborosa "Água de beber" — já se disse tudo. Quero apenas registrar os pontos principais de suas observações que, parece, constituem depoimento dos mais seguros sobre essa controvérsia.

"BOSSA NOVA"

É ISTO

Ao contrário da tendência atual, o traço marcante do samba na sua forma tradicional era a percussão, a ritmica obsessiva, que limitava acentuadamente as possibilidades do acompanhamento instrumental e do cantor-intérprete; as escolas de samba, em seu primitivismo, são um exemplo dessa preponderância da célula rítmica que lhes tira qualquer sentido, o mais rudimentar que seja de caráter artístico. Camus, por exemplo, durante a filmagem de "Orfeu" tentou gravar uma dessas escolas num estúdio fechado e a gravação, abafada e confusa, foi um desastre.

As novas gerações conhecem Debussy e Ravel, entre outros chamados "modernos" que introduziram no atual cancionero novas constantes melódicas e harmônicas (acordes, escala de tons inteiros, certas soluções no acorde final) que, abolindo a percussão, trouxeram para o primeiro plano o cantor e certos requintes do acompanhamento.

Antigamente o agrupamento que acompanhava o cantor — violão, flauta, percussão — constituindo o chamado "regional" fazia do intérprete um prisioneiro, limitado, ou para usar a gíria do rádio, "quadrado".



TOM MILIONÁRIO

Outra revelação, esta diferente, que deu a maior alegria aos amigos do compositor e do "poetinha": tinham acabado de receber, naquele dia, os primeiros direitos autorais (note-se, o chamado "pequeno direito" relativo a gravações, apenas) de suas composições, das mais variadas procedências: França, Alemanha, Holanda, Finlândia, Indo-China, Marrocos, Algeria, Grã-Bretanha, Bélgica. Embora referentes só a um semestre do ano passado, parece que recebera uma apreciável "bolada". Mas quando dissemos da nossa intenção de comentar o fato, Tom, afobado, gaforinha sobre a testa, tratou logo de ratificar:

— Mas não diga quanto foi, porque senão são capazes de nos roubar o filho, pensando que a gente é milionário!